

Um estudo sobre os caminhos da criação e inovação metodológica em pesquisa de religião*

Claudirene Bandini*

Resumo

De que maneira os membros ‘burlam’ as formas de controle da instituição religiosa? Como descortinar um passado silenciado? Como o mundo cultural de origem pode ser revelado? Para revelar o indizível e compreender os silêncios, a pesquisa de doutoramento, da qual este artigo faz parte, inovou metodologicamente ao configurar a memória como um caminho eficaz para compreender a (des)identificação cultural e a negação do passado anterior à conversão religiosa.

A partir dos estudos de Benjamin, Halbwachs, Pollak, Proust e Portelli, desenvolveu-se um conjunto de técnicas a fim de revelar as lembranças do mundo de origem e a trajetória social mediante os processos de *desenraizamento social*. As técnicas, Análise de Trajetória, Retratos Cruzados (*portraits biographiques*), História de Vida, análise biográfica e Oficina de Fuxico, além de estabelecer relações de aproximação e confiança com as entrevistadas destacando suas singularidades e similaridades, o trabalho empírico possibilitou o aparecimento do indizível no qual o passado individual e coletivo foi recuperado e reconfigurado.

Palavras-chave: pentecostalismo; gênero; São Paulo.

A Study of the Ways of Creating and Methodological Innovation in Research of Religion

Abstract

How followers ‘circumvent’ the forms of control of the religious establishment? How to uncover a past silenced? As the world’s cultural origin can be revealed? To reveal the unspeakable and understand the silences, the doctoral research innovated methodologically to configure the memory as an effective way to understand the (dis) identification cultural and denial of the past before the religious conversion.

From the studies of Benjamin Halbwachs, Pollak, Proust and Portelli, developed a set of techniques in order to reveal the memories of the world of origin and social trajectory through the processes of social uprooting. Techniques, Crossed Portraits

* Graduada e Mestre em Ciências Sociais, Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Pesquisadora no Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP/UFSCar). E-mail: claubandini@gmail.com.

(portraits bigraphiques), Life History, Analysis and Trajectory Workshop Fuxico, and establish closer relationships and trust with respondents highlighting their similarities and singularities, empirical work has enabled the emergence of the unspeakable in which past individual and collective was recovered and reconfigured.

Keywords: Pentecostalism; gender; São Paulo.

Un Estudio sobre los Caminos de Creación e Innovación Metodológica de Investigación en Religión

Resumen

¿Cómo los Miembros eluden “las formas de controlar de la institución religiosa? Cómo descubrir un pasado silenciado? Cómo el origen cultural del mundo se puede mostrar? Para revelar lo indecible y entender los silencios, la investigación doctoral, de la cual este artículo es parte, innovó metodológicamente para configurar la memoria como una forma eficaz para comprender la identificación de (des) cultural y la negación del pasado antes de la conversión religiosa.

A partir de los estudios de Benjamin, Halbwachs, Pollak, Proust y Portelli, desarrolló un conjunto de técnicas con el fin de revelar los recuerdos del mundo de origen y la trayectoria social a través de los procesos de desarraigo social. Técnicas, Retratos cruzados (*portraits biographiques*), historia de vida, análisis y Trayectoria fuxico Taller y establecer estrechas relaciones de confianza con los encuestados destacando sus similitudes y singularidades, el trabajo empírico ha permitido el surgimiento de lo indecible en el que el pasado individual y colectiva se recuperó y reconfigurado.

Palabras clave: Pentecostalismo; género; São Paulo.

Introdução

Esta comunicação tem o propósito de apresentar uma pesquisa de doutoramento na área da sociologia da religião, via sua construção metodológica. O estudo teve o objetivo de analisar as práticas cotidianas de mulheres líderes de igrejas pentecostais paulistas, a partir da categoria histórica e analítica de gênero. À luz das leituras de gênero, foi possível demonstrar quanto o campo religioso é complexo e portador de contradições segundo gênero, classe, raça e geração.

Ao longo do ano de 2004, desenvolveu-se uma pesquisa piloto para a formulação das hipóteses do projeto de doutoramento. Nesta fase, detectou-se que as mulheres pastoras que aderiram as igrejas pentecostais selecionadas¹ eram, em sua maioria, migrantes, de origem de rural, pertencentes à classe social baixa e com pouca instrução educacional. Inicialmente, a maioria se deslocou juntamente com a família do campo para a cidade em busca de trabalho e de melhores condições de vida.

¹ As três Igrejas selecionadas foram: Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus e Assembléia de Deus. Estas se diferenciam, segundo as origens histórica e cultural, a estrutura institucional e o grau de acesso das mulheres ao poder eclesiástico.

A partir de uma rede de contato, tecida desde a pesquisa de graduação, foi possível identificar algumas mulheres (pastoras, missionárias e esposas de pastor) que haviam conquistado um certo grau de poder em suas denominações. Eram residentes no Estado de São Paulo: capital e interior, migrantes vindas dos Estados do Paraná, Minas Gerais, Bahia e Ceará. Trata-se de mulheres que sofreram (e algumas ainda sofrem) freqüentes deslocamentos geográficos, devido à prática de evangelização exigida pela igreja. No caso das esposas de pastores, estas são as mais submetidas às constantes mudanças por terem que seguir seus maridos em missões, aberturas de igrejas, evangelização, etc. Tanto esposas como filhos, durante o processo de deslocamento, perdem vínculos familiares e de vizinhança e se veem forçadas a resistir às necessidades simbólicas e materiais. Contudo, a pesquisa de doutoramento apontou que elas são capazes construir suas próprias armas de resistência nas 'brechas' encontradas nas convenções sociais, especialmente, as religiosas.

Inseridas num cotidiano permeado de discriminações de gênero, classe, idade, raça e etnia, essas mulheres não são iguais em suas memórias, desejos, ambições e sonhos. Os primeiros contatos já apontaram a relação direta entre as alterações sociais e econômicas da sociedade mais ampla e a trajetória cultural das categorias sociológicas como gênero, raça, classe e geração. Cada trajetória de vida está marcada por uma memória social, que individualizada, pode demonstrar o quanto as mulheres pentecostais são diferentes entre si e capazes de mobilizar e recriar espaços de sociabilidade e de ganhos seja simbólicos (*status*, respeito, confiança, família) seja materiais (moradia, emprego, salário), ainda que reproduzam o próprio sistema que as modelou.

Todavia, a análise da pesquisa não concebe a religião somente como um espaço da prática de fé, mas como um espaço em que emergem diferentes aspectos relacionados entre si. Aspectos estes que advêm de um sistema simbólico historicamente construído de grande importância para a realidade da vida cotidiana entre os gêneros.

A religião pentecostal enquanto um universo simbólico específico fornece às mulheres o nível mais alto de integração para os significados discriminatórios e paradoxais realizados na vida cotidiana. Ou seja, a religião quando subsumida ao espaço da sociabilidade, deixa transparecer diferentes trajetórias de diferentes mulheres: mulheres pastoras; mulheres esposas de pastores; mulheres seguidoras de pastoras. Trata-se de mulheres portadoras de práticas que criam e recriam espaços de sociabilidades, normalmente perdidos no processo migratório, e de ganhos reais. O universo simbólico da religião ordena a história social localizando todos os acontecimentos coletivos numa unidade coerente entre o passado, o presente e o futuro. Com relação ao

passado, constrói uma memória que passa ser compartilhada por todos os indivíduos da coletividade e, em relação ao futuro, estabelece um quadro de referência comum para a projeção das ações individuais.

No cotidiano, o universo simbólico relaciona homens e mulheres com seus predecessores e seus sucessores numa relação de poder e dominação de gênero. Assim, a prática comum da visitação (às casas de doentes, de casais com problemas conjugais ou financeiros) torna-se uma prática de *enraizamento*; isto é, de recriação de laços de amizade e de confiança pelas mulheres, pois como participantes de um espaço social mais amplo, carregam consigo o cansaço do mercado de trabalho, dos cuidados com os filhos, com a casa e com a igreja. Desta forma, a prática da visitação pode se tornar uma ação contra o isolamento e o *desenraizamento social* derivados do processo de migração e do ritmo acelerado da vida urbana.

Organização da Pesquisa

Ao conhecer as histórias de vida das líderes religiosas e seus *projetos*², a pesquisa propôs “desconstruir” a noção generalizante e essencialista da categoria “mulher” e a idéia da “natureza feminina” que a precede. Portanto, foram construídas as seguintes questões de investigação:

1. Estabelecendo-se uma inter-relação das categorias: *memória, identidade e projeto*, sendo que os desejos, modelados pelo contexto social, poderiam ser cumpridos em qualquer espaço, por que estas mulheres articulam suas vidas e seus desejos em torno do espaço religioso pentecostal? Como elas subvertem, apropriam e reinterpretam a própria *experiência religiosa*?
2. O espaço religioso lhes oferece um espaço social alternativo àquele não ‘disponível’ (ou não acessível) na sociedade mais ampla, supostamente, mais pluralista e plena de oportunidades? A partir da situação de ‘desposseção’ e de ‘desenraizamento’ decorrentes das constantes migrações, como estas mulheres se apresentam perante a formalidade e a estabilidade do trabalho? Em que condições e marcas se vêem como trabalhadoras?

² A noção de *projeto* corresponde aos estudos das *diferenças* e das diversas formas de sociabilidade que coexistem entre os modelos tradicional e o moderno. O presente estudo adota esta noção de Gilberto Velho por também reconhecer a importância das relações entre *memória e projeto* para a constituição de identidades. De acordo com o autor: “A consistência do *projeto* depende, fundamentalmente, da *memória* que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar *projetos*” (VELHO, 1999).

3. A análise das práticas das pastoras dá margem à conexão entre a construção do *nome próprio* e do *renome* a ele associado. Haveria alguns instrumentos de luta que resultassem, de alguma forma, na diminuição das subordinações de gênero, classe, idade e raça/etnia dentro e fora da igreja? Até que ponto as “seguidoras” são, de fato, seguidoras da mensagem oficial e das convenções sociais da sua igreja?

A partir destas questões, surgiram as seguintes hipóteses:

- A conquista de poder destas mulheres não depende exclusivamente da consistência (ou não) dos valores masculinos nas convenções, e sim, da sinergia entre os aspectos do mundo do trabalho, da política, das relações de classe, da família, das afetividades, etc.
- O processo migratório em que estas mulheres estão submetidas faz-nas perder laços primários de sociabilidade, de família e vizinhança. Na busca pelo que se perdeu, sejam bens simbólicos, sejam bens materiais, suas práticas também estão pautadas na busca pelo *re-enraizamento* social, na busca do que ainda se poderia renascer nos caminhos tortuosos.

Desta feita, a pesquisa analisou as práticas sociais das mulheres a fim de identificar as ‘brechas’ produzidas entre a prática pessoal e as convenções sociais religiosas, e deste modo avaliar como as convenções se processam uniformemente e de que forma elas são re-elaboradas pelas mulheres. Para tanto, o estudo concebe as mulheres como produtoras e reprodutoras de saberes e poderes tanto na instância individual quanto social, já que ambas estão interconectadas e influenciando-se reciprocamente. Ao mesmo tempo aborda as relações de gênero diante de um discurso religioso que controla, normatiza e constrói seus corpos; isto é, suas identidades. “*Como as identidades são multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas*”, (HALL, 2000, p.108) elas estão sujeitas à historicização, mudanças e transformações. Assim, as identidades envolvem uma interação de crescimento, de mudança e de renovação nas vidas destas mulheres, pois suas atitudes diante da hierarquia religiosa, predominantemente masculina, são de posicionamento no mundo. Afinal a realização das mulheres no trabalho pastoral está associada ao processo de *empoderamento* porque por meio da participação na Igreja e na comunidade elas conseguem direitos individuais e coletivos; desta forma que as práticas religiosas de visitação e de atendimento lhes proporcionam identidades. Por fim, a doutrina pentecostal exerce – desigualmente - pressão simbólica sobre os homens e mulheres que se submetem à sua mediação.

A fim de cumprir os propósitos estabelecidos no projeto, a pesquisa adotou a metodologia da História Oral baseando-se em diversas técnicas de pesquisa, as quais serão o foco no decorrer do presente texto.

Desenvolvimento da pesquisa empírica

Com o consentimento dos/as entrevistados/as, as entrevistas foram gravadas e transcritas. Os casais de pastores foram entrevistados individualmente. Foram selecionadas pastoras que estão em condições de sozinhas (viúvas e divorciadas) e pastoras cujo marido não é convertido à igreja. O lugar das entrevistas, normalmente, era escolhido por elas, sendo algumas realizadas nas próprias casas, explicitando “*um ambiente em que se reflete uma personalidade*” (TOURTIER-BONAZZI, 2002, p.236) e outras nas igrejas. Durante as narrativas, houve momentos de compartilhar recordações por meio de objetos biográficos, fotos, poesias e outros materiais pessoais.

A aproximação das pastoras que estão no alto escalão da igreja ocorreu por meio da rede de contatos que se iniciou na pesquisa de graduação estendendo-se no mestrado, porém com estudos de religião e política; ou seja, centrava-se na figura masculina do pastor e representante político das Igrejas. Estas experiências de pesquisa colaboraram para a construção das relações de contatos e confiança no universo feminino.

Escolha Metodológica: História Oral

Desde o primeiro contato com os estudos de gênero, tive a certeza que encontraria uma realidade diferente da qual estudava anteriormente, durante a graduação e mestrado, porque a investigação feminista permite pôr em prova todo o conhecimento de vivência pessoal e de pesquisadora. Por conta disso, optei por reparar, de alguma forma, o discurso condenatório da submissão feminina no campo pentecostal, afinal de contas, são mulheres que investem tanto na esfera familiar quanto no social, por intermédio da instituição religiosa.

Para atingir os objetivos da pesquisa, dever-se-ia identificar os *poderes*³ femininos; compreender suas contradições, seus comportamentos e escolhas. Para ir além da opressão e da submissão das mulheres, seria necessário uma metodologia que permitisse captar a atividade religiosa das mulheres dentro

³ “O poder é um termo polissêmico”, afirma Michelle Perrot. “(...) no singular, ele tem a conotação política e designa basicamente a figura central do Estado que, comumente, se supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos equivalentes a influências difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela”. (PERROT, Michelle. Os excluídos da história: Operários, mulheres, prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Ed.L Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1988. Parte II: Mulheres. p.167-213. p167)

e fora de suas instituições; porém, sem realizar uma visão dicotômica de suas vidas cotidianas. O desafio de ir além dos estereótipos exige um controle do olhar sobre o campo religioso, uma vez que este se apresenta inerentemente conservador e patriarcal. Então, como construir os dispositivos eficientes que identifiquem qualquer instância de libertação, oposição e resistência das mulheres?

Várias leituras foram realizadas em relação às epistemologias acadêmicas e à criatividade metodológica nos estudos da religião. A proposta era de encontrar uma metodologia que não engessasse a pesquisa; afinal, como um artesão, o trabalho de um/a pesquisador/a não pode ser *“inibido pelo método e pela técnica”*, o que é mais importante *“é a liberação, e não a restrição da imaginação sociológica”* (MILLS, 1982, p.133). A necessidade de romper com a hegemonia da racionalidade científica e de contribuir para a ampliação do conhecimento histórico, perturba as próprias disciplinas, interroga as metodologias adotadas e suas produções, bem como o ambiente acadêmico e seus produtores. A descoberta de discursos heterogêneos, de pluralidade de identidades e descontinuidades somente foi possível quando me propôs a descortinar as construções culturais, lingüísticas e históricas na trama das relações de poder.

Ao criticar o cientificismo, Willem Hofstee (2002, p.16) propõe aos estudos de religião uma ciência mais pessoal; isto é, um conhecimento construído em estreita cooperação entre pesquisador e fiéis. Sua pauta metodológica baseia-se em quatro pontos:

1. Engajamento do pesquisador: estabelecer alianças com os grupos que estuda;
2. Privilégios dos detalhes na observação e na escuta em detrimentos de generalizações;
3. Ênfase nas diferenças mais do que nas similaridades e
4. Constante quebra das regras metodológicas, num apelo à inventividade e à imaginação do pesquisador.

A idéia de Willem Hofstee confronta o paradigma positivista e, ao mesmo tempo, desloca do método a questão da legitimidade do saber em ciências humanas para o testemunho, o diálogo e a interlocução (SCHIMIDT, 2002, p.16). Ainda segundo o autor, a complexidade do campo religioso exige uma sintonia maior entre o sujeito e seu objeto sem uma neutralidade prefixada.

Seguindo esta perspectiva, meu foco direcionava era de não iniciar uma pesquisa de campo com um método previamente pronto e fechado, pois isso poderia impedir o processo de envolvimento entre o diálogo crítico, as hipóteses, as observações, as categorias e ao arcabouço documental. Neste sentido, especialistas em religião, como o antropólogo Carlos Alberto Steil (2002 apud SCHMIDT, 2002, p.18), admite *“a insuficiência das teorias quando*

comparadas ao excesso de sentido que o vivido não cessa de produzir”. Assim, descortinar as vivências e as representações de mulheres pastoras e esposas de pastoras consistem em dar voz às suas falas cotidianas. Portanto, a metodologia da História Oral, escolhida para esta pesquisa, pareceu a mais adequada em aproximar a pesquisadora às articulações das identidades femininas sem deixar de perceber como uma determinada identidade reforça, reproduz e atribui *ethos* e *projetos* à outra.

Portanto, a metodologia adotada tomou por base a experiência pessoal expressa oralmente e sua articulação entre a influência das transformações sócio-econômica mais ampla e a inserção religiosa. Assim sendo, o prisma da leitura é da realidade pessoal como produto do social; ou seja:

[...] aquilo que parecia pessoal em razão da dicotomia privado/público, na experiência do grupo de reflexão, ganha inteligibilidade como uma construção social, no caso, a de gênero.[...] Duas figuras de discurso dão conta dessa percepção: a idéia do ‘eu coletivo’ e a do ‘o pessoal é político’.(CAVALCANTI, FRANCHETTO, HEILBORN, 1981, p.42).

Entretanto, “*o projeto não é um fenômeno puramente subjetivo*” (VELHO, 1980, p.43); ele pode ser comunicado porque é elaborado no interior de um *campo de possibilidades* específico que pode ser historicizado e contextualizado. Deste modo, por meio da metodologia da História Oral foram registradas as narrações, os silêncios, as hesitações e a linguagem gestual das entrevistadas. Desta feita, as práticas que se complementam e se antagonizam, simultaneamente, podem detectar, de que forma as lideranças femininas conseguem romper com o sistema patriarcal vigente, mas também, suas formas de reprodução.

Trajetórias Sociais: Portraits Bigraphiques

Como a pesquisa buscou superar alguns aspectos em relação à visão dicotômica sobre a sociedade, adotei o conceito de *esfera social* como um espaço que não separa a esfera pública da privada (ARENDT, 1987). Também a idéia de “vitimização da mulher” ou “rebeldia feminina” que acaba, algumas vezes, criando uma “heroicização” das mulheres. Em virtude de existirem muitos femininos e masculinos, houve o reconhecimento que mulheres e homens não constituem simples aglomerados, mas que elementos como cultura, classe, raça/etnia, religião, idade e ocupação também deveriam ser mais inter cruzados na tentativa de desvendar novas realidades. Neste sentido, “*a metodologia do estudo das trajetórias é um instrumento valioso para detectar a realidade dessa mobilidade*” (SILVA, 2004, p.59), pois a investigação centrava-se em mulheres pobres e não pobres e migrantes que por vários fatores, não

somente religiosos, as forçaram a se deslocar para diferentes áreas do país criando, no cotidiano, práticas de resistência tanto nas relações de gênero quanto de classe, raça e idade.

A técnica de pesquisa do estudo de trajetórias⁴ foi abalizada nos estudos de Françoise Battagliola (1991). Trata-se de uma técnica importante para a análise do impacto relativo à trajetória individual, ao grupo familiar e itinerário dos cônjuges, mas principalmente à compreensão das histórias das mulheres, já que permite o entendimento dos *retratos cruzados* (*portraits biographiques*) relacionados aos “acontecimentos” do ciclo de vida como, casamento, nascimento dos filhos, conversão religiosa. A produção das trajetórias individuais não as abstrai do grupo familiar que as inscreve porque elas são resultado de uma história familiar. O início da socialização se dá nas famílias de origem. Elas é que orientam os itinerários e dotam os indivíduos de estatutos sociais. Ao interagirem em vários campos sociais, as mulheres vão deslocando e redefinindo a própria trajetória social por meio de “*feixes de itinerários*” (BATTAGLIOLA, 1991, p.3). Portanto, a construção de suas identidades perpassa o cruzamento de três eixos de poder: classe, raça, gênero e geração. Entretanto, a rede familiar construída pode ora representar um recurso mobilizado ora um entrave ao *projeto* individual, gerando com o passar do tempo até um distanciamento com o meio social de origem.

Essas mulheres constroem suas identidades a partir das próprias estratégias e posições sociais adquiridas ao longo de suas trajetórias, pois suas identidades não têm como referência o segmento do *eu* (que permanece sempre o mesmo e idêntico a si mesmo ao longo do tempo), mas àquele *eu coletivo* que passa a compartilhar uma história de um grupo específico e que se estabiliza num pertencimento cultural religioso (HALL, 2000, p.108). Neste sentido, o estudo inter-relaciona os impactos da vida profissional sobre os itinerários individuais e familiares e, tais impactos, permanecem centrais no desenrolar dos percursos da vida das mulheres. Nesta perspectiva, o estudo concebe que os comportamentos dos indivíduos e suas estratégias estão *enraizados* na vida familiar e parte do estatuto profissional depende tanto dos trunfos escolares, que são determinados pela capacidade sócio-econômica familiar, quanto da capacidade de se fazer beneficiada pela rede social de acesso ao trabalho, por exemplo. Nos termos do sociólogo Pierre Bourdieu, esta é a aplicabilidade do *capital familiar*.

⁴ Trajetória social é o encadeamento temporal das posições sucessivamente ocupadas pelos indivíduos dentro dos diferentes campos do espaço social. (BATTAGLIOLA, *ibid*).

Retratos Biográficos (*portraits biographiques*)

Afinal, como se deu a aplicação desta metodologia? As trajetórias foram explicitadas, primeiramente a partir dos retratos biográficos (*portraits biographiques*) e depois aprofundadas nas narrações das histórias de vida. O retrato biográfico aponta os elementos semelhantes entre a trajetória social - em ordem cronológica - e seus *acontecimentos* marcantes. Em seguida, fez-se um balanço comparativo para cada dupla de *portrait* (casal de pastores) para avaliar as concordâncias e as diferenças observadas entre os dois tipos de materiais. O balanço põe a tônica sobre os *acontecimentos* sublinhados pelos retratos, sobre o possível ponto explicativo de conflitos sociais e sobre as diferentes dimensões constitutivas da trajetória social. Após esta etapa realiza-se uma confrontação entre o questionário e a narrativa, na qual se pode identificar os impactos das mudanças geográficas e residenciais sobre a construção das trajetórias; os fatores que afetam diferentemente as trajetórias dos cônjuges e as formas específicas da interação conjugal⁵. A construção do *portrait* teve o objetivo de apreender como se articulam as diferentes dimensões familiares e profissionais no curso do itinerário biográfico, as quais implicam em evidenciar os “acontecimentos” que assinalam os pontos de inflexão e os momentos de recomposição das trajetórias. O *portrait* enfoca “a entrada na vida” e os momentos difíceis relacionados à esfera econômica, familiar e pessoal.

História de Vida: Narrativas e Narradoras

Cabe à técnica *récit de vie* ou *histoire de vie* compreender as motivações que levaram os sujeitos a reordenarem seus itinerários, a partirem de sua Terra Natal, a desenraizarem territorial e socialmente. Mais ainda, porque não voltaram e porque permaneceram no lugar atual. Tais questões suscitam explicações oriundas de experiências mais subjetivas das entrevistadas. Frequentemente, os “momentos-chave” estão ligados às doenças, morte, dificuldade financeira ou desavenças familiares. O cruzamento das informações permite um retrato mais fiel da entrevistada e da realidade na qual está inserida.

A história de vida, no primeiro momento, pode parecer a história da “vida real” por apresentar a subjetividade das pessoas, ao passo que os questionários (exceto as questões abertas) permitem uma maior objetivação dos dados. No entanto, as respostas ao questionário também manifestam a elaboração subjetiva de uma história biográfica que narra a vida. Assim, Françoise Battagliola argumenta que “*um acontecimento não pode ser considerado isoladamente [pois] a dimensão subjetiva é um dado objetivo da trajetória*”. (Op.cit., p.12).

⁵ O espaço conjugal é um lugar de interação, de negociação, de arbitrar estratégias dos cônjuges e de desenrolar os itinerários, sendo o efeito desigual de um sobre ou outro (BATTABLOLA, ibid).

Seguindo a trilha metodológica, o estudo reconhece o papel do sujeito na história e coloca em pauta a questão da história de vida; isto é, o relato pessoal que, simultaneamente, é a transmissão de uma experiência coletiva e uma representação de visão de mundo⁶. A noção de pessoa enquanto “*imagem acabada, um retrato ideal, provida de qualidades físicas e morais absolutas; ou seja uma noção substancialista ou essencialista da pessoa e da cosmologia*” (MALUF, 1999, p.71) não foi concebida no trabalho por não corresponder à realidade encontrada. As mulheres pesquisadas foram concebidas, enquanto *sujeito* determinante e determinado, portadoras da capacidade de construir seu espaço social por meio da articulação e da apropriação dos elementos da ordem simbólica. Descobrir quem é esse sujeito perpassa a escolha teórica e metodológica da pesquisa, uma vez que, estas mulheres estão ligadas as dimensões simbólica e material.

A História do Tempo Presente

O estudo do *tempo presente* contribuiu para o entendimento das relações entre a ação voluntária, a consciência dos indivíduos e os constrangimentos desconhecidos que o encerram e o limitam (FERREIRA, 2002). Tal estudo possibilita a interação entre as percepções e representações dos atores e as determinações e interdependências que se articulam em torno dos laços sociais. A escolha metodológica avança na reconstrução dos posicionamentos e dilemas encontrados em diferentes fontes, como: entrevista semi-diretiva, narrativa, fonte documental e observação participativa. Deste modo, a estratégia metodológica foi desenvolvida sob a perspectiva da subjetividade social manifestada por meio do cruzamento de técnicas de pesquisa.

A análise das práticas femininas baseou-se no discurso sobre o próprio mundo de quem fala, entretanto, este mundo se remete a problemas sociais mais amplos e a processos de estruturação que extrapolam o mundo particular de quem narra. Todavia, a análise trilha um caminho que vai além do sentido e da forma do discurso; busca compreender as relações, as memórias e os acontecimentos que processaram e reproduziram os sujeitos.

Análise Biográfica

A biografia pode ser entendida como a técnica de escrever a vida de uma pessoa através de uma cronologia ordenada. Foi possível descrever as normas que orientam as ações e seu funcionamento efetivo. Entretanto, o desafio maior é explicitar das entrelinhas as possíveis resistências e os desacordos pelas regras e práticas impostas ou desenvolvidas. Uma análise

⁶ As diferentes práticas religiosas (conversão, evangelização, espaços de cura, festas, cultos, reuniões, etc) desenvolvem múltiplas possibilidades de escolha, de sentidos e de experiências para cada indivíduo, pois cada um terá uma vivência que é própria de sua trajetória.

biográfica possibilita descotinar a heterogeneidade dos discursos, as incoerências estruturais e a diversificação das práticas sociais.

Muitos estudiosos das Ciências Humanas tentam contribuir com os/as entusiastas pela biografia e autobiografia em um período de crise dos paradigmas e de questionamento construtivo dos modelos interpretativos aplicados ao mundo social, como é o caso de Giovanni Levi (2002, p.167) quando apresenta as ambiguidades do uso da biografia:

(...) ou recorre-se a ela para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida, ou é vista como o terreno ideal para provar a validade de hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais.

A noção de *ilusão biográfica*, concebida pelo sociólogo Pierre Bourdieu, considera indispensável a reconstrução do contexto; ou seja, da *superfície social* na qual atua o indivíduo, pois segundo o autor, “há uma pluralidade de campos a cada instante”. (BOURDIEU, 2002, 169). A reflexão do autor também inclui a relação entre *habitus* do grupo e *habitus individual*. Tal relação se remete à opção entre o que é comum e o que é mensurável; isto é, entre o que é o estilo próprio de uma época ou de uma determinada classe social e a singularidade de uma trajetória social. Nesta perspectiva, as novas dimensões sociais que as mulheres (esposas, pastoras e seguidoras) assumem com sua individualidade são indicadores da própria complexidade das identidades; de sua formação progressiva e não-linear. Neste sentido, a biografia é uma técnica interessante para observar como funcionam concretamente os esquemas normativos que estão sempre em contradições. Afinal, nenhum sistema normativo está suficientemente estruturado a ponto de eliminar qualquer possibilidade de escolha, de criatividade e de resistência. Entretanto, é importante antes de apresentar a biografia elucidar quais são as normas e as regras estruturais em que está inserida. A hipótese implícita no uso da biografia é de que:

Qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica. As trajetórias individuais estão arraigadas em um contexto, mas não agem sobre ele, não o modificam. (LEVI, 2002, p. 179)

A atenção da pesquisa estava em não desconsiderar os mecanismos sociais que influenciam, favorecem e autorizam as experiências da vida das mulheres pentecostais, pois suas histórias são, ao mesmo tempo, uma unidade e uma

totalidade. O objetivo da utilização desta técnica foi apreender suas identidades por meio da prática do “falar de si” ou do testemunho, ou da confidência, etc.

Somente através da construção de uma rede foi possível a aproximação das mulheres que estão no alto escalão das igrejas. Na pesquisa foram aplicados 17 questionários biográficos, com pastoras, esposas de pastores e seus cônjuges das três igrejas pesquisadas: Igreja do Evangelho Quadrangular, Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus. A importância do questionário biográfico reside no fato de se obter informações da pessoa entrevistada e também de seus antecedentes (pai, mãe), de seus irmãos e irmãs e também de seus descendentes. Essa técnica tem o objetivo de identificar as situações sociais e familiares, bem como, verificar o deslocamento social, temporal e espacial das entrevistadas indicando os aspectos sincrônicos e diacrônicos, informações sobre os deslocamentos, ocupação/profissão e escolaridade. Em todos os casos, o primeiro contato se deu por telefone e, o segundo, pessoalmente para o preenchimento do questionário biográfico. Somente na terceira ou quarta visita é que era coletada a história de vida. O acontecimento apontado no questionário biográfico pôde ser (ou não) aprofundado na narração, pois coube à pessoa entrevistada a escolha dos pontos explicativos e constitutivos de sua trajetória social. Entretanto, as histórias de vida foram recolhidas somente com as mulheres, tanto com as casadas quanto as que estão em condição de sozinhas (divorciada, solteira e viúva). A partir de dois materiais biográficos (histórias de vida e retratos cruzados), as trajetórias sociais foram construídas.

Mas como ‘burlar’ as formas de controle e descortinar o passado silenciado e o mundo cultural de origem? Para revelar o indizível e compreender os silêncios surgiu a necessidade de inovar as ferramentas de pesquisa social. Assim, por intermédio da metodologia da História Oral, a memória configurou-se como um caminho eficaz para compreender a (des)identificação cultural e a negação de um passado anterior à conversão religiosa.

Oficina de Fuxico

A partir dos estudos de Benjamim, Halbwachs, Pollak, Proust e Portelli, a pesquisa adotou a memória como um caminho para revelar o indizível detectado por outras técnicas de pesquisa. O empírico apontava que as lembranças do mundo de origem havia se perdido mediante os processos de conversão religiosa e de *desenraizamento social*. A inovação metodológica foi realizar a Oficina de Fuxico com as mulheres com o propósito de navegar no contra fluxo da *sociedade do esquecimento*⁷.

⁷ Um texto completo sobre os fundamentos teóricos e práticos referentes a esta técnica pode ser visto na Revista da Associação Brasileira de História Oral, V.14, N°2 (2011), disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=249&path%5B%5D=272>

A escolha pela confecção de fuxico se deu em função da prática singular ao *habitus* das participantes, ou seja, essa prática já estava pautada na cultura de origem e na produção coletiva do saber. Enquanto ‘bastidor’ da pesquisa, a oficina foi o local onde o indizível apareceu e o passado individual e coletivo foi recuperado e reconfigurado.

Inspirada na experiência de oficina de argila da socióloga Maria A. Moraes Silva (2005), esta técnica incorporou os objetivos teóricos e práticos relacionados aos processos migratórios forçados pela instituição religiosa. A coordenação entre os elementos, alma-mãos-olhos, reforça o trabalho da memória e, conseqüentemente, os laços sociais entre as mulheres narradoras. Como os elementos da memória mesclam-se à vida da própria igreja, uma vez que ela oferece novas sociabilidades e experiências femininas, na Oficina de Fuxico aconteceu um tipo de *metamorfose* cujo foco da transformação foi a busca pela reconstrução contínua de si mesma. Por possuírem representações e categorias comuns e, interagirem no mesmo contexto social, elas conseguiram compartilhar lembranças e reconstruir *projetos individuais*.

As imagens do passado não são produtos do imaginário, elas contêm elementos comuns que foram vividos coletivamente. Portanto, como o *projeto* de cada trajetória depende, fundamentalmente, da memória, a oficina de fuxico teve o objetivo de revelar o indizível; ou seja, o período anterior à conversão religiosa, uma vez que o mundo de origem da maior parte das entrevistadas era silenciado durante as narrações. Os acontecimentos, os lugares e as pessoas correspondentes a esse mundo eram negados na narração e a oficina teve o objetivo de redescobrir as lembranças e revelar o indizível por meio do trabalho das mãos; isto é, através de um *habitus* específico ao mundo de origem.

A oficina de fuxico foi realizada com as mulheres da IEQ e revelou as formas de controle da Igreja sobre elas e também a maneira como exerce influência sobre o processo de (des)identificação e (re)identificação entre o mundo de origem (rural e católico) e o mundo atual (urbano e pentecostal). A oficina foi um momento no qual a memória individual e coletiva foi recuperada e as lembranças reconfiguradas. Em suma, na oficina, as mulheres pentecostais reviveram o passado sem travas religiosas e o indizível tornou-se dizível.

A Influência dos Estudos de Memória e Migração na escolha metodológica

Como a dimensão espacial é uma das dimensões constitutivas das trajetórias sociais, autores que trabalham com a questão migratória, dentro eles Silva (2004), mostram que a migração é um processo que resulta de um processo histórico. No caso das mulheres que se casam com pastores, esta

questão torna-se importante porque relaciona a sua vida pessoal, econômica e política às constantes *migrações forçadas* pela igreja ao marido. Essas migrações influenciam diretamente sobre a mobilidade social, consolidação do *status* e a posição das mulheres na sociedade. No processo migratório destas mulheres seus caminhos podem não ser exatamente como desejavam. Seus vínculos sociais são alterados e fragmentados forçando-as a recriarem espaços de sociabilidade pessoal e familiar. Nesta perspectiva, a pesquisa compartilha com a concepção de que “*as práticas religiosas podem ser fatores de desenraizamento e enraizamento*” (BOSI, 1992, p.30).

O *portrait* de cada entrevista não aprofunda a questão migratória, porém indica dados objetivos e fixos como data e localização. Os efeitos dos deslocamentos para as mulheres são aprofundados na história de vida. Este é o momento de conhecer as razões das mudanças; em que período da vida elas ocorreram; se a migração influenciou em novas e positivas experiências; se houve pequenas mudanças ou grandes efeitos e, por fim, as diferenciações dos efeitos segundo o gênero.

Os deslocamentos geográficos marcam, geralmente, as carreiras masculinas como condições prévias à mobilidade profissional. Neste caso, são como a materialização de uma promoção no pastorado. Portanto, é possível identificar se as razões são profissionais, se as esposas são pressionadas a aceitar o deslocamento e de que forma reagem a ele, se conseguem se adaptar às novas condições de vida e de trabalho. Na maioria dos casos, as esposas de pastor, missionárias e/ou pastoras abandonam seus empregos, familiares e laços de vizinhança, gerando uma precarização tanto material quanto familiar. Entretanto, os efeitos também podem ser benéficos ou para os próprios filhos ou para a geração seguinte da família que migrou.

Ao longo do processo migratório, as práticas religiosas acabam reforçando a solidariedade entre os grupos locais e integrando os de fora na unidade do grupo. As relações sociais, nestas condições, ao mesmo tempo, que constroem laços sociais, constroem uma memória de favores prestados. A intimidade e a familiaridade proporcionam uma vida coletiva mais rica ao imigrante; oferecendo condições diferenciadas as mulheres excederam os limites territoriais da família de origem.

Nesta temática, a pesquisa procurou apresentar, não a memória oficial – das denominações – e sim, as memórias femininas inspiradas na resistência e na prática cotidiana da comunidade. Estas memórias se fundamentam em experiências vividas e em emoções sentidas porque são memórias pessoais.

Quando fala-se numa memória dividida, não se deve pensar apenas num conflito entre a memória comunitária pura e espontânea e aquela ‘oficial’ e ‘ideológica’, de forma que, uma vez desmontada esta última, se possa im-

plicitamente assumir a autenticidade não-mediada da primeira. Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas. (PORTELLI, 2002, p. 106).

A metodologia adotada privilegiou a elaboração da memória, o ato de lembrar individual e, até mesmo o esquecimento. Cada entrevistada extraiu e explicitou memórias de vários grupos sociais e as organizou de forma idiossincrática.

Como toda a atividade humana, a memória também é social e pode ser compartilhada, porém ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais, e somente se torna *memória coletiva* quando abstraída e separada da memória individual seja pelo mito, folclore seja pelas instituições como, escola, igreja, Estado, partido que organizam memórias e rituais num todo diferente da soma de suas partes. (PORTELLI, Op.cit.. p.127).

Durkheim evidencia que a religião é um lugar de memória e de identidade porque, embora a religião caiba inteiramente no foro íntimo do indivíduo, é da sociedade e da sua interação com o indivíduo que a religião se alimenta. A religião congrega os indivíduos fornecendo-lhes um terreno e um referencial comum no qual a identidade do grupo pode ser expressa. Crenças religiosas (ou *consciências coletivas*) aglutinam o que está disperso. Neste sentido, o conceito de *memória coletiva* de Halbwachs torna-se interessante e adequado porque a memória celebra as lembranças, aproxima o passado, entrelaçando os diferentes indivíduos numa mesma comunidade e de uma *memória coletiva* que se constrói constantemente. Em seu conceito, o autor tem em mente duas dimensões: a temporal e a espacial. Por isso, o autor diz que para materializar-se a memória coletiva precisa de um lugar, por isso que alguns historiadores dizem que o espaço é um *lugar de memória*. (NORA, 1993).

A continuidade do grupo religioso depende não somente da reprodução de sua estrutura, como também da legitimidade social. As religiões pentecostais necessitam de habilidades para oferecer soluções imediatas de problemas diversos de sua membresia. Necessitam de um discurso que se refira tanto aos marcos fundantes quanto à evolução histórica do grupo, pois estão inseridos num competitivo *mercado religioso* que ameaça sua identidade coletiva diante dos outros grupos. “*A ameaça faz criar uma memória e a necessidade de memória é uma necessidade da história reconstituída entre iguais e autênticos que revitaliza a identidade do grupo*” (NORA, 1993, p.9).

Pode-se concluir que a religião está subsumida às outras esferas sociais; ou seja, ela influencia e é influenciada por outros grupos. Neste sentido, “*as normas religiosas vinculam-se a compromissos que estariam na base de ações coletivas e não apenas individuais*”. (ORTIZ, 2002, p.85-5). A partir do momento, que a religião

descobre que ela precisa de uma memória para sobreviver, cabe ao poder religioso da memória autorizada oferecer sentido ao presente, possibilidades de realizar sonhos e de imaginar o futuro. As mulheres pentecostais revelam um pertencimento comum; porém, mais do que isso, revelam “*um sentimento[que] se forja no enfrentamento, na luta, na defesa de interesses comuns. Na verdade, [num] triplo enfrentamento: de classe social, de gênero e de geração*”. (SILVA, 2004,p.87)

Concluindo

Este artigo teve o propósito de apresentar uma pesquisa de doutorado via construção metodológica demonstrando a importância da escolha e da combinação de técnicas de pesquisa num estudo de religião. A partir desta combinação tornou-se possível observar de que forma o universo simbólico da religião ordenou e atribuiu significado aos *acontecimentos* do ciclo de vida relacionando homens e mulheres numa teia de produção e reprodução de poder e dominação de gênero. O *projeto* das entrevistadas pôde ser comunicado, historicizado e contextualizado, indicando as práticas que se complementam e se antagonizam mediante o sistema patriarcal vigente nas instituições religiosas.

Referências

- ARENDT, Hannah. **A Condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Forense-Universitária. Rio de Janeiro, 1987
- BANDINI, Claudirene A.P., SILVA, Maria A.M.; Revelando o indizível na Oficina de Fuxico: uma experiência de pesquisa sobre gênero, religião e memória. **Revista História Oral**. V. 14, n. 2. 2011. Disp.: <http://revista.historiaoral.org.br>
- BANDINI, Claudirene A.P. **Na Trilha da Cultura Caipira**: cantadores, tocadores e declamadores no interior do Estado de São Paulo. Editora, Rima. 2010
- _____. **Patrimônio Cultural de São Carlos**: A oralidade em Músicas e Causos no Rancho do Abacateiro. Editora, Rima. 2010.
- _____. **Costurando certo por linhas tortas**: um estudo das práticas femininas no interior de igrejas pentecostais. Tese de Doutorado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, 2009.
- BATTAGLIOLA, et al. **Dire sa vie! Entre travail et famille**. La construction social des trajectoires. CSU, Paris. 1991.
- BENJAMIN. W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSI, Eclea. Cultura e desenraizamento. In: **Cultura Brasileira**: temas e situações. Serie Fundamentações. 2, ed. Ed. Atica. 1992.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de & AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da história oral**. Ed. Fundação Getúlio Vargas. 5. ed. Rio de Janeiro, 2002. p.183-191.

FERREIRA, Marieta de & AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da história oral**. Ed.Fundação Getúlio Vargas. 5. ed.. Rio de Janeiro, 2002. p.167-182.

HALL, Stuart. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. (Org) SILVA, Tomaz Tadeu da & HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn. 2. ed. Ed. Vozes. Petrópolis, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. Centauro. São Paulo, 2006.

MALUF, Sonia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. In: **Horizontes Antropológicos**. Ano 5, n.12, Porto Alegre, dezembro de 1999. pp.69-82

MILLS, Wright. **A Imaginação Sociológica**. RJ, Zahar, 1982

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, N. 10, dez/1 993, p.7-28.

ORTIZ Renato. Anotações sobre religião e globalização. In: **Imaginário**. Religião. n.8. NIME-LABI. USP. São Paulo, 2002.pp.69-94

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. V. 5. n.10. Rio de Janeiro, 1992. p. 200-212.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. V. 2. n. 3. Rio de Janeiro, 1989. p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de & AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da história oral**. Ed. Fundação Getúlio Vargas. 5ª edição. Rio de Janeiro, 2002.

PROUST, M. **O tempo redescoberto**. Rio de Janeiro: Globo, 8ª. Edição, 1988.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Das mãos à memória. In Martins, José de S.; Eckert, Cornélia; Novaes, Sylvania. **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2005, p.295-316.

_____. **A Luta pela Terra**: experiência e memória. Unesp. São Paulo, 2004.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de & AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da história oral**. Ed.Fundação Getúlio Vargas. 5ª edição. Rio de Janeiro, 2002. p.223-245.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e Orientação em Sociedades Complexas. In: (Org.) FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. **Psicanálise e Ciências Sociais**. Ed. F. Alves. Rio de Janeiro, 1980. pp.27-56.

Willem Hofstee. Pequenos fatos e grandes questões. In: **Imaginário**. Religião. n.8. NIME-LABI. USP. São Paulo, 2002.pp.141-156.

SCHIMIDT, Maria Luísa. O passado, o mundo do outro e o outro mundo: tradição oral e memória coletiva. In: **Imaginário**. Memória. n.2. NIME-LABI. USP. São Paulo, 2002. p.89-100.

Submetido em: 8-10-2013

Aceito em: 10-11-2013